



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Bíblia, mídia e fundamentalismo: obstáculos para o estudo acadêmico da história antiga de Israel

Bible, media and fundamentalism: obstacles for academic study of ancient history of Israel

*Josué Berlesi**

Doutorando em Teologia (EST)

Resumo

O presente artigo visa analisar como o texto bíblico, a mídia e o fundamentalismo constituem-se como obstáculos para uma investigação crítica da história de Israel. De igual forma, pretende-se denunciar o conservadorismo que predominou nos estudos sobre o Israel antigo de modo que, por longa data o que se observou foi a existência de uma história bíblica de Israel e não propriamente uma história acadêmica a que, em certa medida, afastou o Israel antigo das discussões profissionais no âmbito da história antiga oriental. Não obstante almeja-se apresentar os novos horizontes de pesquisa além de demonstrar como as pesquisas exegéticas e arqueológicas impactaram a historiografia pertinente a sociedade vetero-israelita.

Palavras-chave

Bíblia. Mídia. Fundamentalismo. Israel Antigo.

Abstract

This article aims to analyze how the biblical text, the media and the fundamentalism constitute themselves as obstacles to a critical investigation of the history of Israel. We also intend to denounce the conservatism that prevailed in the studies about ancient Israel so that for a long time what has been observed is the existence of a biblical history of Israel and not exactly an academic history which, to some extent, has distanced the ancient Israel from professional discussions in the sphere of ancient eastern history. Nevertheless we aim to present new horizons of research besides demonstrating how the exegetical and archaeological research impacted the relevant historiography for ancient Israeli society.

Keywords

Bible. Media. Fundamentalism. Ancient Israel.

* Josué Berlesi, Doutorando em Teologia pela EST/RS (bolsista Cnpq). Docente de História Antiga na UFPA/Cametá. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: josue.berlesi@bol.com.br. "O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil".

Considerações Iniciais

De certa forma é necessário começar esse artigo com uma explicação acerca de seu título, pois, afinal, em que sentido a Bíblia, a Mídia e o Fundamentalismo constituem obstáculos para o estudo acadêmico do Israel antigo? De fato, pode impressionar que o texto bíblico seja um empecilho para a pesquisa acerca da sociedade vétero-israelita, sem dúvida, se não fossem as páginas do Antigo Testamento provavelmente não se teria conhecimento da existência histórica de Israel. Sem a Bíblia, Israel seria relegado ao silêncio histórico assim como o foram os seus vizinhos menores no contexto do antigo Levante. Os grupos minoritários que habitaram essa região viveram sobre constante pressão das superpotências do mundo antigo tais como o Egito e as civilizações mesopotâmicas. Entretanto, se a Bíblia foi fonte indispensável em décadas recentes, contemporaneamente as pesquisas de ponta sinalizam para uma primazia das fontes epigráficas e arqueológicas.¹

Não obstante, o trato inadequado da mídia sobre a pesquisa com temáticas bíblicas somado a ferocidade do fundamentalismo religioso em defender o texto do Antigo Testamento, muito contribuíram para reforçar percepções inadequadas sobre a história de Israel. Desse modo, Israel foi visto de forma isolada no contexto do antigo Oriente Próximo, em muitos casos sendo considerado com um grupo especial, ou melhor, como “povo eleito”. Tal percepção, sem dúvida, contraria a pesquisa histórica crítica a qual almeja analisar Israel considerando-o com um dos agentes (e não “o” agente) envolvidos na história do antigo Levante.

Bíblia

Desde a década de 1990 do século passado a pesquisa acadêmica sobre o antigo Israel deu um importante salto qualitativo. Em parte isso se deveu aos debates ocorridos por conta da criação do *European Seminar in Historical Methodology*² que passou a propor uma profunda reflexão sobre o conhecimento relativo à antiga sociedade israelita. Os membros do referido seminário, todos pesquisadores renomados na área da investigação bíblica³, apontaram que as narrativas do Antigo Testamento não são fontes confiáveis para auscultar a história antiga de Israel, sobretudo porque foram redigidas séculos após aos possíveis acontecimentos. Nesse sentido, a narrativa véterotestamentária não é

¹ Veja-se uma boa discussão a respeito em: GRABBE, L. L. *Ancient Israel: What Do We Know and How Do We Know It?* London: Bloomsbury T & T Clark, 2007.

² Em 2012 foi realizado o último encontro do Seminário Europeu, o grupo começou a se reunir em 1996. Disponível em: <<http://blog.airtonjo.com/2012/07/17-e-ultimo-seminario-europeu-sobre.html>>. Acesso em 27 jan. 2014.

³ Disponível em <<http://www.airtonjo.com/resenhas02.htm>>. Acesso em 28 jan. 2104.

contemporânea aos eventos que ela apresenta o que leva a supor que seu conteúdo está mais próximo a opinião de seus redatores do que o registro de situações históricas.⁴

Entretanto é preciso esclarecer que o uso da Bíblia como fonte depende do gênero de pesquisa a que o investigador se propõe. É evidente que no caso de uma história de viés cultural o uso do texto bíblico reveste-se de capital importância.⁵ Seria impossível tratar da história do monoteísmo, por exemplo, deixando de lado as páginas do AT,⁶ do mesmo modo não seria possível um estudo da questão de gênero e sexualidade na antiga sociedade israelita sem o suporte da narrativa bíblica.⁷

Por outro lado, no trato de determinadas temáticas a Bíblia nada tem a contribuir e, em alguns casos, além de não contribuir serviu para corroborar interpretações equivocadas. Exemplo disso é a questão do surgimento do Estado na antiga sociedade israelita, tema em que as informações bíblicas não possuem pertinência histórica e se prestam unicamente a idealizar uma pretensa monarquia fortalecida sob o comando de Davi e Salomão. É evidente que não devemos exigir dos redatores bíblicos os critérios historiográficos de um historiador moderno, sem dúvida isso seria um equívoco principalmente porque a Bíblia não foi escrita para ser um livro de História. Sendo assim, é um erro por uma questão de historicidade onde os próprios autores bíblicos não a colocaram, essa não era a preocupação principal deles é sim a preocupação do historiador contemporâneo.⁸

Frente ao exposto pode-se dizer que o texto bíblico pouco ou nada tem a contribuir se pensamos numa história política de Israel. Durante séculos a narrativa contida no AT foi interpretada como sinônimo da trajetória histórica da sociedade israelita, ou seja, o que estava apresentado no texto bíblico foi o que efetivamente se passou com o “povo escolhido”⁹. Assim, durante muito tempo os manuais de história de Israel se resumiram a uma paráfrase da “história” bíblica. É verdade, porém, que uma análise crítica do texto já era levada a cabo desde o século XIX, como exemplo temos o trabalho de Julius Wellhausen e a sua teoria JEDP que contestava a autoria mosaica do Pentateuco¹⁰. Da

⁴ Mais informações em GRABBE, Lester L. (ed.). *Can a 'history of Israel' be written?* Sheffield, Sheffield Academic Press, 1997.

⁵ Possivelmente a obra de Roland de Vaux é um destes casos: DE VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003.

⁶ Um bom exemplo de pesquisa nessa área é o trabalho de Haroldo Reimer: REIMER, H. . *Inefável e sem forma. Estudos sobre o monoteísmo hebraico*. Goiania; São Leopoldo: Editora da Ucg; Oikos, 2009. Também de importância é o texto de Severino Croatto: CROATTO, José Severino. *La Diosa Asherá en el Antiguo Israel. El aporte epigráfico de la arqueología*. Series: Ribla . Vol. 1 No. 38, 2001.

⁷ A esse respeito veja-se a tese de doutorado de Fernando Candido da Silva. Disponível em: <<http://pct.capes.gov.br/teses/2011/33017018001P0/TES.PDF>>. Acesso em 28 jan. 2014.

⁸ Para uma opinião contrária veja-se: FOX, R. L. *Bíblia verdade e ficção*. Tradução Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 151.

⁹ A obra de Samuel Shultz, por exemplo, é portadora dessa percepção. Veja-se: SCHULTZ, Samuel J. *A história de Israel no Antigo Testamento*; tradução João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1977.

¹⁰ Veja-se PURY, Albert de (org). *O Pentateuco em questão: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996.

mesma forma, a exegese histórico-crítica praticada na Alemanha, produziu importantes contribuições na segunda metade do século XX, o trabalho de Martin Noth é um bom exemplo disso.¹¹ Entretanto, o papel da Bíblia continuava a ser determinante e o seu uso como fonte era inquestionável.

Após a década de 1950 do século XX houve um reforço no papel da Bíblia como fonte válida para o estudo do antigo Israel. Isso se deveu ao surgimento de uma arqueologia israelense que nascia paralelamente ao Estado judeu no Oriente Médio¹². Esta nascente arqueologia nacionalista visava, em certa medida, comprovar a veracidade da narrativa bíblica e com isso legitimar o uso da terra por judeus vindos de diversos países que chegaram a Israel para construir a nação. É evidente que as pesquisas arqueológicas anteriores a esse período também possuíam objetivos similares, sobretudo no que concerne ao fato de comprovar a historicidade do texto, porém, o diferencial da arqueologia israelense é que ela serviu como instrumento para solidificar uma identidade nacional congregando pessoas de origens culturais diversas.¹³

Um dos principais astros (e esse não é um termo exagerado) da arqueologia nascente em Israel foi o general Yigael Yadin. O referido pesquisador foi responsável por um dos equívocos mais marcantes na interpretação da história antiga de Israel, que, em parte, legitima o argumento contemporâneo do abandono do texto bíblico para a tarefa historiográfica. Acontece que estruturas arquitetônicas similares (os chamados portões com seis câmaras)¹⁴ foram encontradas em três importantes sítios arqueológicos em Israel, são eles: Hazor, Guezzar e Megiddo. Yadin não chegou a escavar em todos esses sítios, mas baseando-se em relatórios de escavação e principalmente no versículo de I Reis 9:15 concluiu que tais estruturas eram a prova material da atividade construtora do Rei Salomão, pois, afinal, o versículo apresentado afirma que o mencionado rei realizou obras nas três localidades referidas.¹⁵

O equívoco de Yadin seria confirmado décadas depois pelo trabalho do Prof. Israel Finkelstein, coordenador das escavações em Megiddo. A interpretação cega de Yadin o levou a pensar que a possível correspondência do texto bíblico com a evidência material era suficiente para atestar a atividade construtora de Salomão. No entanto, a

¹¹ A obra de Noth foi importante por demonstrar que a unidade "Israel" se forma apenas dentro do território de Canaã, desse modo, não houve uma conquista militar do território sob o comando de Josué. Veja-se NOTH, M. *Historia de Israel*. Barcelona: Garriga, 1966.

¹² Para informações mais detalhadas veja-se a dissertação de Gabriella Barbosa Rodrigues disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000841465>>. Acesso em: 28 jan. 2014.

¹³ Veja-se: BERLESI, J. *Arqueología en Israel: los desafíos de la ciencia frente a cuestiones políticas y religiosas*. Revista Mundo Antigo, v. II, p. 31, 2012.

¹⁴ Veja-se em: MORGENSZTERN, I.; RAGOBERG, T. *A Bíblia e seu tempo - um olhar arqueológico sobre o Antigo Testamento*. DVD 2. São Paulo: História Viva - Duetto Editorial, 2007.

¹⁵ Mais informação sobre esse episódio veja-se em: PFOH, E. "Salomón ben David y Egipto. Intercambios y el surgimiento de organizaciones sociopolíticas en Palestina durante la Edad del Hierro II". En: A. Daneri Rodrigo y M. Campagno (eds.), *Antiguos contactos. Relaciones de intercambio entre Egipto y sus periferias*, Buenos Aires, Universidad de Buenos Aires, 2004, pp. 133-160.

pesquisa do Prof. Finkelstein pode demonstrar que a estrutura arquitetônica encontrada em Megiddo é muito posterior as de Hazor e Guezer não sendo possível atribuí-las ao mesmo período de construção. A conclusão de Finkelstein foi possível graças ao uso de modernos métodos científicos de datação como o caso do radiocarbono, mas antes de tudo, foi possível pela atitude de “deixar de lado” o texto bíblico e utilizar-se do aparato científico moderno a fim de obter uma interpretação mais plausível e adequada ao contexto do antigo Levante.¹⁶

Não obstante, podemos supor que a tentativa de Yadin em atestar a atividade construtora de Salomão era também uma tentativa de corroborar a existência histórica desse personagem bíblico, afinal de contas trata-se de um dos mais famosos monarcas do Israel antigo. O curioso em relação a Salomão é que não existem referências extra-bíblicas que atestem sua existência, nenhuma evidência epigráfica ou arqueológica foi encontrada em Israel ou nos territórios vizinhos que permitam atestar a sua grande habilidade como monarca tal como é descrita no texto bíblico. Nenhum palácio real, nenhum templo, absolutamente nada na arqueologia do Oriente Médio pode dar suporte às passagens bíblicas sobre Salomão, de modo que o mesmo permanece grandioso na Bíblia e invisível na arqueologia.¹⁷

As palavras mencionadas até o momento servem para demonstrar quão distinta pode ser a história do Israel antigo ao optar-se por uma reconstrução histórica calcada na investigação arqueológica. Acima de tudo é preciso ter a clareza de que o texto bíblico pode, eventualmente, conter informações historicamente pertinentes, porém, os seus redatores não tinham por objetivo escrevê-lo como um livro de História ou como um relato jornalístico. Em sua grande maioria a narrativa bíblica destoa das evidências materiais encontradas até o momento e, como já dito, isso se deve ao fato do texto ter sido fixado por escrito muitos séculos após os “fatos” nele contidos¹⁸, sendo assim, a larga distância temporal entre os acontecimentos e a fixação do texto o tornam menos digno de confiança, pois há mais chances de interpolações. Em contrapartida, as evidências arqueológicas são contemporâneas aos eventos o que as faz uma fonte primordial.¹⁹

¹⁶ FINKELSTEIN, I. *Una actualización de la cronología baja: Arqueología, Historia y Biblia*. Antiguo Oriente: Buenos Aires, Volumen 6, 2008.

¹⁷ Em relação a Salomão é importante notar que se tentou provar sua existência por meio de uma fraude arqueológica, a chamada “pedra do Rei Salomão”. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/sn/tvradio/programmes/horizon/solomon_trans.shtml>. Acesso em 27 jan. 2014.

¹⁸ É importante notar que não há consenso entre os pesquisadores sobre a data de fixação do texto. Para Finkelstein isso teria ocorrido na transição do século VIII para o VII a.C. Período em que são visíveis os primeiros indícios de alfabetização em Israel. Veja-se: FINKELSTEIN, I.; MAZAR, A. *The Quest for the Historical Israel: Debating Archaeology and the History of Early Israel*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.

¹⁹ BERLESI, J.; PFOH, E. . *A História Antiga de Israel e os novos horizontes de pesquisa*. In: PORTO, V. C.; POZZER, K. M. P.. (Org.). Um outro mundo antigo. 1ed. São Paulo: Annablume, 2013.

Em suma, podemos dizer que atualmente a Bíblia é um obstáculo para o estudo acadêmico da história antiga de Israel por conta do uso que dela se fez. O Antigo Testamento foi interpretado como história de Israel e não como a história religiosa de Israel. Em certa medida este equívoco está associado a um axioma que vigorou por longos anos no Ocidente, qual seja: a Bíblia é a palavra divina. Nesta condição ela foi tomada como detentora da verdade e, portanto, infalível. Felizmente os avanços obtidos até o presente conseguiram constituir a narrativa bíblica como um objeto de estudo e, portanto, de crítica. A investigação acadêmica da Bíblia progrediu consideravelmente e não foi diferente na comunidade científica devotada ao estudo do Israel antigo. Algumas das principais revoluções na interpretação da história antiga de Israel partiram dos departamentos de Teologia (biblical studies) de universidades européias. Se atualmente a agenda para os próximos anos é de uma história de Israel a partir da arqueologia, devemos tal entendimento aqueles que se dedicaram a um profundo estudo do texto bíblico.²⁰

Mídia

Primeiramente é preciso dizer que o conceito de mídia é muito amplo, pois envolve, pelo menos, os meios, veículos e canais de comunicação como jornal, revista e televisão.²¹ O obstáculo que a mídia pode representar para o estudo acadêmico da história de Israel reside no gênero de informação que ela veicula. No caso específico de programas televisivos é que reside a artéria principal dos problemas e, obviamente, explicar-se-á o motivo dessa afirmação. Sabidamente a televisão é um meio de comunicação de massa capaz de atingir uma imensa parcela da população mundial, dito isto, é preciso ter em mente que os canais privados de televisão estão em constante disputa pela audiência dos telespectadores²² e por conta disso, em muitos casos, não há escrúpulos no que tange ao conteúdo a ser divulgado, por vezes, apela-se para temáticas polêmicas que visam cativar a atenção do público.

No caso do Brasil, onde proliferam os programas religiosos nos canais privados de televisão, tem-se uma emissora que se destaca no que concerne a transmitir informações no mínimo duvidosas acerca da Bíblia e, por conseguinte, sobre a história de Israel: a Rede Record. Dita emissora, em seu tele-jornal transmitido aos domingos de noite (Domingo Espetacular), por vezes já apresentou uma série de pequenos documentários que visam atestar a veracidade das narrativas bíblicas, um deles, por exemplo, narrava como Davi

²⁰ Em especial aos professores Thomas Thompson, Niels Peter Lemche, Phillip Davies e Lester Grabbe.

²¹ Dicionário Aurélio.

²² Sobre o papel dos canais privados veja-se: BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1997.

teria assassinado o gigante Goliás²³. Não obstante essa mesma história virou tema de uma mega-produção da Record chamada “Rei Davi”.²⁴

No intuito de dar legitimidade aos seus comentários sobre história antiga a Rede Record, com o apoio da Igreja Universal, apóia um centro de pesquisa que detêm a maior maquete da cidade de Jerusalém de todo mundo. Trata-se do Centro Cultural Jerusalém que foi reconhecido legalmente²⁵ pelo governador carioca como ponto turístico oficial do Estado do Rio de Janeiro, o que, em certa medida, demonstra o grau de influência política das instituições citadas. Além disso, o referido centro dá suporte ao CPA (Centro de Pesquisas da Antiguidade) que afirma ser uma instituição dedicada ao estudo da história antiga.²⁶

A pretensa intenção de “cientificidade” não é exclusiva do canal brasileiro referido há pouco. Em nível internacional vários são os programas de televisão que se empenham para “provar cientificamente” a narrativa bíblica. O problema dessa situação é que o telespectador leigo costuma dar crédito para as informações que absorve da tela, notoriamente existe uma falta generalizada de senso crítico para saber que a televisão não é detentora da verdade. O problema é ainda mais grave quando se trata de canais específicos, dedicados a temáticas históricas, como o caso do “*History Channel*”.

A questão é que no trato de certas temáticas os pressupostos científicos apresentados nos canais mencionados são altamente duvidosos. Em anos recentes o *History Channel* veiculou o documentário de um cineasta canadense (Simcha Jacobovici) sobre o êxodo de Israel do Egito²⁷. As informações apresentadas são, em certa medida, originais, porém, completamente desprovidas de qualquer corroboração em fontes antigas, sejam escritas ou arqueológicas. Um exemplo disso é a afirmação que Jacobovici faz sobre o destino de parte do grupo que passou pelo êxodo, segundo o referido cineasta, parte dos retirantes destinou-se para a Grécia, tal informação não é corroborada por nenhum pesquisador do círculo acadêmico.²⁸

Não obstante, Jacobovici tenta se utilizar de pretensas explicações científicas para comprovar a plausibilidade das dez pragas do Egito. Para o referido cineasta:

²³ A mesma temática foi novamente apresentada na série “A Bíblia” transmitida pela Rede Record. Disponível em: <<http://rederecord.r7.com/a-biblia/video/a-biblia-mostra-como-davi-derrotou-golias-5277ab3c0cf2f42be5184eaa/>>. Acesso em 28 jan. 2014.

²⁴ No portal da Record na Internet (R7) consta que o orçamento da referida produção superou os 25 milhões de reais. Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/rei-davi/noticias/para-voltar-tres-mil-anos-no-tempo-a-vida-em-israel-foi-recriada-nos-minimos-detalhes-em-rei-davi/>>. Acesso em 28 jan. 2014.

²⁵ Disponível em: <http://www.centroculturaljerusalem.com.br/ass03.php?id_noticia=11>. Acesso em: 28 jan. 2014.

²⁶ Disponível em: <<http://cpantiguidade.wordpress.com/o-que-e-cpa/>>. Acesso em: 28 jan. 2014.

²⁷ Trata-se do documentário “The Exodus decoded”.

²⁸ Mais informações em BERLESI, J. *Uma análise da pertinência histórica do Êxodo: A propósito do documentário The Exodus Decoded de Simcha Jacobovici*. História e-História, 2008.

a erupção do Santorini explicaria as pragas assim como a divisão do mar, o que permitiu a libertação definitiva dos israelitas. Segundo afirma, os gases da erupção foram os responsáveis pela cor avermelhada da água (1ª praga: água transformada em sangue) o que desencadeou toda série de pragas: morte dos seres aquáticos, proliferação de insetos, dentre outras. Para Jacobovici, a última e mais importante praga, a morte dos primogênitos, explica-se pelo fato de que o primeiro filho de cada família egípcia dormia no térreo das casas enquanto o restante das pessoas repousava em lugares mais elevados, assim, o dióxido de carbono liberado pela erupção teria matado os primogênitos.²⁹

O que impressiona nos documentários/programas televisivos que tratam de temáticas bíblicas é que raríssimas vezes eles se preocupam em buscar ajuda especializada, ou seja, buscar a opinião de pesquisadores profissionais, docentes universitários com reconhecida trajetória acadêmica. O caso de Simcha Jacobovici ilustra muito bem a situação, pois se trata de um cineasta que resolveu intrometer-se na pesquisa das temáticas bíblicas. Um caso de ainda maior repercussão foi o do jornalista alemão Werner Keller autor do *best seller* “E a Bíblia tinha razão” (tradução portuguesa)³⁰. A obra de Keller serviu como munição para fundamentalistas religiosos ao redor do mundo inteiro e chegou a ser usada como manual em certas escolas.³¹

Sabidamente as temáticas bíblicas possuem forte apelo comercial e costumam cativar grande público de telespectadores, isso fica facilmente demonstrado quando pensamos um pouco além da televisão e partimos para o cinema. Determinados filmes alcançaram um público impressionante e foram mundialmente comentados, sem dúvida, um exemplo máximo dessa situação foi o filme de Mel Gibson “A Paixão de Cristo” que chegou a arrecadar mais de 400 milhões de dólares.³²

Outra mega-produção do cinema, apresentada em 2014, é o filme “Noé” que, dentre outros atores, trouxe em seu elenco Russel Crowe e Anthony Hopkins.³³ O filme, como era de se esperar, baseia-se no texto do gênesis e, apesar da estética futurista da obra, tentou dar vida ao relato da grande inundação mundial que a Bíblia descreve. Certamente a referida produção sensibilizou fiéis ao redor do mundo reforçando em suas mentes a idéia de que o filme visto retrata um acontecimento real embora a narrativa da citada película contenha acréscimos próprios de Hollywood.

No tocante a narrativa bíblica do dilúvio, vários já foram os esforços de pseudo-pesquisadores para comprovar sua veracidade. Em anos recentes, voltou a ter espaço na

²⁹ BERLESI, 2008, p.9.

³⁰ KELLER, W. *E a Bíblia tinha razão*; tradução de João Távora. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

³¹ FOX, 1993, p. 204.

³² Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/515380-interpretar-o-jesus-da-paixao-de-mel-gibson-destruiu-a-minha-carreira>>. Acesso em: 28 jan. 2014.

³³ Disponível em: <<http://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2013/11/14/epico-sobre-arca-de-noe-ganha-primeiro-trailer-completo-veja-com-legendas.htm>>. Acesso em: 30 jan. 2014.

mídia internacional informações de que a arca de Noé havia sido encontrada no monte Ararat na Turquia.³⁴ Mesmo que surja no futuro algum tipo de comprovação do dilúvio o que deve-se ter em mente é que o crédito não será da Bíblia, mas sim do Épico de Gilgamesh por ser muito anterior ao texto do gênesis e também relatar a mesma história.³⁵ Entretanto, não parece que a versão do citado épico receba atenção da mídia, sem dúvida, é preferível manter o foco nas notícias duvidosas/misteriosas que dizem respeito ao texto bíblico, pois nesse caso a audiência é garantida.

Fundamentalismo

Por fim, o fundamentalismo. De acordo com Martin Dreher este é um conceito de difícil definição³⁶, contudo, neste momento almeja-se referir ao fundamentalismo religioso que procede a uma interpretação literal das páginas do Antigo Testamento. Em verdade, a historiografia acerca do Israel antigo foi imensamente afetada por esse tipo de postura a qual ainda não desapareceu e em casos remotos continua a persistir até mesmo dentro da academia.³⁷

A principal dificuldade que o pensamento fundamentalista representa é sua convicção na infalibilidade da Bíblia a qual, por ser “palavra divina” não pode conter erros. Como bem aponta Arens:

[...] Para o fundamentalista, negar que a Bíblia seja infalível é negar que seja Palavra de Deus e, por extensão, equivale a negar que seja inspirada (ditada por Deus). Notoriamente, para defender seu dogma, o fundamentalista esgrime uma série de textos bíblicos onde aparecem palavras na boca de Deus [...].³⁸

Desse modo o esforço dos fundamentalistas que se envolveram com a pesquisa histórica sobre Israel sempre foi o de comprovar a historicidade da Bíblia.³⁹

A confiança de um fundamentalista no texto é inabalável, se, por ventura, o relato de Jonas fosse ao contrário, ou seja, de que ele tivesse engolido a baleia, ainda assim

³⁴ Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/ciencia/pesquisa/cientistas-afirmam-ter-encontrado-arca-de-noe-na-turquia,7c88a38790aea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 28 jan. 2014.

³⁵ BOUZON, Emanuel. *Ensaio Babilônicos; sociedade, economia e cultura na Babilônia pré-cristã*. Porto Alegre: EDIPCURS, 1998.

³⁶ Veja-se: DREHER, M. N. *Fundamentalismo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006. v. 01. 96p.

³⁷ Em Israel, por exemplo, o Prof. BEN-TOR da Universidade Hebraica de Jerusalém é praticamente uma voz isolada ao defender que os israelitas conquistaram militarmente Canaã, assim como descreve a Bíblia. Veja-se: BEN-TOR, Amnon. ““The Fall of Canaanite Hazor – the ‘Who’ and ‘When’ Questions,” in *Mediterranean Peoples in Transition* (eds. Seymour Gitin, Amihai Mazar, and Ephraim Stern); Jerusalem: Israel Exploration Society, 1998.

³⁸ ARENS, E. *A Bíblia sem mitos: uma introdução crítica*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 288-289.

³⁹ A obra de Eugene Merrill é um bom exemplo. MERRILL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento: O reino de sacerdotes que Deus colocou entre as nações*; Tradução Romell S. Carneiro. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

permaneceria a inerrância do texto. A convicção de que o texto é “sagrado” e “inerrante” contribuiu para que o estudo acadêmico da história antiga de Israel permanecesse atrofiado por longa data.⁴⁰ Não obstante, a postura fundamentalista contribuiu para constituir a Bíblia como fonte válida, portadora de uma história verdadeira ao passo que os textos escritos de outras sociedades do mundo antigo são falsos e portadores de estórias, por vezes, fantasiosas e absurdas. Nesse ponto, vale lembrar-se do relato sobre o dilúvio, ou seja, mesmo o Épico de Gilgamesh sendo anterior a Bíblia ele é, aos olhos do fundamentalista, portador de uma lenda, ao passo que o texto de gênesis possui a versão fidedigna.

Do ponto de vista da pesquisa histórica o fundamentalismo foi responsável por outro equívoco grave, qual seja: a crença na intervenção sobrenatural na história humana. Tal percepção chegou a vigorar em determinados manuais sobre a história antiga de Israel.⁴¹ Sabidamente para o historiador profissional a história é fruto tão somente da ação de homens e mulheres de modo que nenhuma explicação sobrenatural (como o caso das intervenções divinas de Deus para com Israel) pode servir como variante de explicação histórica. Dito isto, aquele que almeja envolver-se na pesquisa acadêmica sobre a trajetória histórica do Israel antigo deve ter em mente que este não é um “povo escolhido”, mas sim um grupo humano que habitou a região do antigo Levante juntamente com outras unidades sociais.

Considerações Finais

Feitas todas essas considerações deve-se dizer que a postura que por vezes vigorou na historiografia, de considerar Israel como “povo eleito” foi responsável por relegar outras sociedades ao silêncio histórico. Note-se, por exemplo, a quase total invisibilidade dos filisteus nos manuais de História sejam eles da educação básica ou do ensino superior.⁴²

Como visto, no decorrer da trajetória historiográfica do Israel antigo, a inadequada utilização da Bíblia, o sensacionalismo da mídia e ferocidade do fundamentalismo em defender a narrativa véterotestamentária, muito contribuíram para engessar o progresso da pesquisa em história antiga. No intuito de recuperar esses danos a agenda para os

⁴⁰ Confira em: DAVIES, Philip R., *In Search of 'Ancient Israel*, Sheffield, Sheffield Academic Press, 1992.

⁴¹ É o caso da obra de John Bright: BRIGHT, John. *História de Israel*; Tradução Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1978.

⁴² Tal constatação deriva de um projeto de pesquisa levado a cabo na UFPA com o auxílio dos bolsistas Robson de Castro Nascimento e Janice Braga Rodrigues, trata-se do projeto “A abordagem simplista do Oriente frente ao monopólio ocidental: uma análise da história antiga nos livros didáticos e nos cursos de história”. No decorrer do projeto foram analisadas as obras didáticas usadas em escolas de ensino fundamental e médio do município de Cametá, bem como foi realizado um levantamento da bibliografia utilizada nos cursos de História das seguintes instituições: USP, UFRJ, UFPE, UFRGS, UFMG, Unicamp, UFPR, UFRN, UFES, UFGO e UFPA.

próximos anos é a de uma ampliação no foco de análise, ou seja, não mais dedicar-se unicamente ao Israel antigo, mas sim proceder à investigação de uma história do Levante antigo considerando a totalidade dos agentes envolvidos na história do Antigo Oriente Próximo.⁴³

Referências

ARENS, E. *A Bíblia sem mitos: uma introdução crítica*. São Paulo: Paulus, 2007.

BEN-TOR, A. ““The Fall of Canaanite Hazor – the ‘Who’ and ‘When’ Questions,” in *Mediterranean Peoples in Transition* (eds. Seymour Gitin, Amihai Mazar, and Ephraim Stern); Jerusalem: Israel Exploration Society, 1998.

BERLESI, J. *Arqueología en Israel: los desafíos de la ciencia frente a cuestiones políticas y religiosas*. Revista Mundo Antigo, v. II, p. 31, 2012.

BERLESI, J. *Uma análise da pertinência histórica do Êxodo: A propósito do documentário The Exodus Decoded de Simcha Jacobovici*. História e-História, v. 1, p. 1, 2008.

BERLESI, J ; PFOH, E. . *A História Antiga de Israel e os novos horizontes de pesquisa*. In: PORTO, V. C.; POZZER, K. M. P.. (Org.). Um outro mundo antigo. 1ed. São Paulo: Annablume, 2013.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1997.

BOUZON, Emanuel. *Ensaio Babilônicos; sociedade, economia e cultura na Babilônia pré-cristã*. Porto Alegre : EDIPCURS, 1998.

BRIGHT, John. *História de Israel*; Tradução Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1978.

CROATTO, J. S. *La Diosa Asherá en el Antiguo Israel. El aporte epigráfico de la arqueología*. Series: Ribla . Vol. 1 No. 38, 2001.

DAVIES, Philip R., *In Search of ‘Ancient Israel*, Sheffield, Sheffield Academic Press, 1992.

DE VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003.

DREHER, M. N. . *Fundamentalismo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

FINKELSTEIN, I. *Una actualización de la cronología baja: Arqueología, Historia y Biblia*. Antiguo Oriente: Buenos Aires, Volumen 6, 2008.

FINKELSTEIN, I.; MAZAR, A. *The Quest for the Historical Israel: Debating Archaeology and the History of Early Israel*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.

⁴³ Veja-se BERLESI, J e PFOH, E, 2013, p. 83-84.

FOX, R. L. *Bíblia verdade e ficção*. Tradução Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

GRABBE, L. L. *Ancient Israel: What Do We Know and How Do We Know It?* London: Bloomsbury T & T Clark, 2007.

GRABBE, Lester L. (ed.). *Can a 'history of Israel' be written*, Sheffield, Sheffield Academic Press, 1997

JACOBOVICI, S. *The Exodus decoded*. History Channel, 2006.

KELLER, W. *E a Bíblia tinha razão*; tradução João Távora. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

MERRILL, E. H. *História de Israel no Antigo Testamento: O reino de sacerdotes que Deus colocou entre as nações*; Tradução Romell S. Carneiro. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

MORGENZTERN, I.; RAGOBERT, T. *A Bíblia e seu tempo - um olhar arqueológico sobre o Antigo Testamento*. DVD 2. São Paulo: História Viva - Duetto Editorial, 2007.

NOTH, M. *Historia de Israel*. Barcelona: Garriga, 1966.

PFOH, E. "Salomón ben David y Egipto. Intercambios y el surgimiento de organizaciones sociopolíticas en Palestina durante la Edad del Hierro II". En: A. Daneri Rodrigo y M. Campagno (eds.), *Antiguos contactos. Relaciones de intercambio entre Egipto y sus periferias*, Buenos Aires, Universidad de Buenos Aires, 2004.

PURY, Albert de (org). *O Pentateuco em questão: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996.

REIMER, H. *Inefável e sem forma. Estudos sobre o monoteísmo hebraico*. Goiania; São Leopoldo: Editora da Ucg; Oikos, 2009.

SCHULTZ, S. J. *A história de Israel no Antigo Testamento*; tradução João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1977.

[Recebido em: maio de 2014

Aceito em: agosto de 2014]